

Midiatização de problemas públicos: a coprodução do problema da imigração na França

Mediatization of public problems: the coproduction of the problem of immigration in France

Paula de Souza Paes
paulasouzapaes@gmail.com

Professora na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutora (2014) e mestre em Ciências da Comunicação (2009) pela *Université Grenoble Alpes* (França). Ganhou o prêmio de tese 2015 da Escola Doutoral da *Université de Grenoble Alpes*. Professora visitante da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Resumo

O artigo visa caracterizar o processo de mediatização do tema imigração na França. A mediatização é entendida como um processo complexo de interdependência onde vários atores e instituições interagem, fazendo de um tema um “problema” para debate público e de luta pela definição dos seus contornos. Para isso, pretende-se apreender a visibilidade da imigração na imprensa francesa, destacando os atores e as questões relativas à sua publicização. Parte-se da hipótese de que a produção de informação revela um processo de politização da mídia que acompanha a emergência de uma editoria dedicada à questão da imigração e da especialização de jornalistas nessa temática.

Palavras-chave: mediatização, França, coprodução, problemas públicos.

Abstract

The article aims to characterize the mediatization process of the topic of immigration in France. Mediatization is understood as a complex process of interaction where several actors and institutions interact, making a theme into a “problem” for public debate and struggle to define its contours. We intend to understand the visibility of immigration in the French press, highlighting the actors and issues related to their publicity. The hypothesis is that the production of information reveals a process of media politicization that accompanies the emergence of a section dedicated to immigration and the specialization of journalists in this area.

Keywords: mediatization, France, coproduction, public issues.

Introdução

Este artigo aborda uma pesquisa de doutorado cuja problemática se apoiou no conceito de mediatização para compreender o processo de produção de informação sobre o fluxo migratório na França de 1980 a 2010 (De Souza Paes, 2014). Quando nos interessamos pela produção de informação, não sugerimos que a mídia tenha uma importância primordial na visibilidade de um determinado tema. Examinar a produção de informação significa examinar também as interações entre profissionais de mídia e seus interlocutores (Schlensinger, 1992). Nosso objetivo é apreender a visibilidade da imigração na imprensa francesa, destacando os atores e as questões relativas à sua publicização.

O trabalho se baseia no conceito de mediatização de acordo com uma das definições elaboradas por Bernard

Miège (2007). Para o pesquisador francês, existem quatro possíveis interpretações para o termo. A primeira se opõe à mediação e busca identificar os fenômenos mediados através da mídia. A segunda se centra na difusão de conteúdo através de suportes materiais. A terceira se focaliza nos atos de comunicação que se apoiam nas tecnologias de informação e comunicação e suas transformações, adotando uma abordagem psicossocial. A quarta diz respeito à produção e difusão de mensagens com o objetivo de entender particularmente o processo de recepção. Bernard Miège define essa noção como um processo que não se restringe ao tratamento midiático. A pesquisa se apoiou no primeiro sentido.

Dessa maneira, fazemos referência à mediatização enquanto um processo que leva em conta o que é tornado público através da mídia. Esse termo é entendido aqui sob o prisma de uma perspectiva construtivista em

que, segundo Bernard Delforce e Jacques Noyer (1999), a produção de informação está relacionada com a sociedade e as suas transformações. Essa perspectiva nos convida a associar as condições sociais de produção de informação (coleta de informações e relações com os interlocutores) e a construção da realidade da qual os meios de comunicação participam. A informação não é entendida aqui como “mera informação” (1999, p. 15), os diferentes atores sociais não são tidos como atores “dessocializados” e os jornalistas como “simples vetores de informação”. De fato, a midiatização é um processo complexo que revela práticas infocomunicacionais de vários atores, incluindo os próprios meios de comunicação, e contribui para a definição de problemas e o enquadramento de situações. Trata-se, portanto, de um processo de coprodução.

Pesquisas sobre o fenômeno de midiatização em si só se desenvolveram recentemente na França (Delforce e Noyer, 1999). O interesse de diferentes disciplinas por esse fenômeno contribui para o seu desenvolvimento: a ciência da informação e comunicação, sociologia, ciência política, entre outros. Entretanto, a midiatização sobre a questão da imigração continua sendo marginal na França, e os trabalhos em Ciências da Informação e da Comunicação (SIC) não são numerosos. Como afirma Simone Bonnafous (1999), a noção de midiatização não é vista como um processo de interação complexo onde vários atores interagem, fazendo de um tema um “problema” para debate público e de luta pela definição dos seus contornos. Simone Bonnafous propõe uma abordagem para analisar a midiatização sobre a questão dos imigrantes, que buscamos prolongar: examinar a midiatização sobre a imigração em suas “formas, registros e profissionais” em um período de tempo longo. Nosso estudo analisou a construção da imigração enquanto problema público durante 30 anos (1980-2010).

Devido à complexidade do processo de midiatização, vários estudos ficam restritos à representação de um tema ou problema (como a imigração, por exemplo) nos meios de comunicação e não levam em conta todo o processo. Uma das pesquisas que considera midiatização como um processo de coprodução é o trabalho dos sociólogos Alain Battégay e Ahmed Boubeker (1993), que distingue o envolvimento de vários atores na emergência do debate sobre a imigração: autoridades políticas, policiais, professores, jornalistas... Na nossa pesquisa, acrescentamos as associações de luta pelos direitos dos imigrantes, o que abordaremos ao final do artigo.

A problemática em que se baseia a nossa pesquisa é que a delimitação dos contornos da informação sobre a questão da imigração e seu conteúdo foi profundamente transformada desde os anos 80, graças às mudanças que afetaram os campos político e jornalístico. Nós consideramos que essa transformação foi acentuada sob o governo de Nicolas Sarkozy (2007-2012), uma vez que a questão

da imigração foi um dos temas prioritários de sua campanha presidencial. Assim, propomos a hipótese de que o interesse da mídia pela temática “imigração” durante o governo de Nicolas Sarkozy indica uma politização do tratamento das questões relacionadas com esse tema. Nós realizamos uma análise de conteúdo da imprensa francesa durante um caso de violência ocorrido na cidade de Grenoble em 2010, quando um jovem descendente de imigrantes foi morto por policiais na periferia chamada Villeneuve. Cruzamos essa análise com entrevistas (dezenove) semiestruturadas realizadas com jornalistas e com jornalistas especializados na temática imigração durante o período de abril de 2011 a março de 2012. Também foram feitas entrevistas com associações de moradores e de luta pelos direitos dos imigrantes, assim como com responsáveis políticos. Entretanto, para este artigo, trazemos as entrevistas com jornalistas.

O processo de midiatização dessa temática é apresentado neste artigo através de três perspectivas: a relação entre serviços nas redações e suas mutações na imprensa; a constituição de um subcampo (Marchetti, 2002) especializado no assunto e de novas temáticas relacionadas à imigração e formação de uma “rede de atores”, delimitando um grupo profissional. Como essa temática é representada nos discursos midiáticos? Quais são os atores visíveis? Quais são os serviços nas redações que tratam essa temática? A autonomia dos jornalistas ficou “ameaçada” pela forte campanha política sobre a imigração durante as eleições em 2007? Para responder a essas questões, abordaremos agora as transformações pelas quais o campo midiático passou a partir principalmente dos anos 80.

1 Reconfiguração das interdependências no campo jornalístico

Nosso interesse pelo tema imigração tem a sua origem em 2007, quando muitas discussões sobre a questão dos imigrantes foram visibilizadas através da mídia, no momento da eleição de Nicolas Sarkozy para a presidência da República. Em sua campanha presidencial, a imigração foi apresentada como uma questão de interesse público. De acordo com o candidato do partido tradicionalmente de direita, UMP (*Union pour un mouvement populaire*), a imigração causa problemas para os cidadãos franceses. Em 2010, a posição política do chefe de Estado e de Governo sobre o tema imigração foi realçada quando atos de violência envolveram a morte de um habitante de periferia. Em julho desse mesmo ano, um grupo de moradores de Villeneuve, uma área prioritária da política urbana em Grenoble, queimaram carros e trocaram tiros com a polícia, após a morte de um jovem, Karim Boudouda, descendente de imigrantes e residente local. Ele havia sido baleado pela

polícia após cometer um assalto em um cassino em Uriage (cidade perto de Grenoble). Durante sua visita a Grenoble no final de julho, o presidente propôs a retirada de cidadania dos indivíduos que cometerem crimes contra as forças de segurança.

Esses incidentes repercutiram nacional e internacionalmente e geraram debates públicos sobre o fluxo migratório no país (De Souza Paes, 2014), principalmente porque, em uma coletiva de imprensa realizada após os incidentes, o presidente da República, Nicolas Sarkozy, associou diretamente os problemas relacionados à periferia francesa (tais como a insegurança e a violência) com a história da imigração na França. O fenômeno migratório apareceu no seu discurso como a principal causa desses problemas (Le Discours, 2010). É importante lembrar que a França se tornou um país de imigração a partir do final do século XIX, quando passou por ondas de imigração provenientes principalmente de países europeus até meados de 1940. A falta de mão de obra, especialmente no campo, trouxe fluxos migratórios principalmente de países vizinhos, como a Itália, a Bélgica e a Suíça. A partir do começo dos anos 50, a imigração para a França se caracterizou pela chegada de mão de obra dos países do Magrebe, incluindo a Argélia, uma ex-colônia francesa. A imigração de países não europeus é muito mais recente do que a de países europeus (Bouvier, 2012).

Entretanto, a imigração não é um tema controverso na França somente no período atual: há pelo menos 30 anos, ela evoca debates públicos. A questão da imigração é, desde os anos 1980, considerada um problema, porque está relacionada com a questão da insegurança, da violência e da delinquência (Bonnaïfous, 1991; Collovald, 2001). A professora de Ciências da Comunicação Simone Bonnaïfous (1991), em uma pesquisa sobre a análise de discurso a respeito da imigração na imprensa nacional francesa entre 1974 e 1984, demonstra a maneira pela qual a midiática sobre a imigração na França se desenvolve progressivamente, a partir dos anos 80, através de um enquadramento local e limitado. Essa localização resulta no aparecimento, nos artigos jornalísticos sobre a imigração, das seguintes designações: “periferia”, “cidade” e “subúrbio”. A partir desse período, o tratamento jornalístico da questão da imigração se centra em situações que envolvem a criminalidade e a insegurança observada nesses territórios. Os artigos da imprensa tratam a origem dos estrangeiros que vivem na França e seus problemas de convivência com o resto da população:

A partir de 1979, o olhar do jornalista se afasta da questão da moradia, da vida e do trabalho dos imigrantes ou das violências sofridas por eles para se concentrar em novos objetos: a delinquência, a insegurança e todas as “realidades” que se relacionam com o binômio “francês/

imigrante”. O que explica uma abordagem [da imprensa] cada vez mais local e restrita (a uma “periferia”, uma “cidade”, um “subúrbio”), mesmo se, em última análise, é a questão da assimilação que é levantada¹ (Bonnaïfous, 1991, p. 251-252; tradução nossa).

Essa dinâmica pode ser explicada pelo fato de que, em 1981, logo após atos de violência serem cometidos em uma área residencial localizada na periferia de Lyon, o fluxo migratório para o país passou a ser associado publicamente pelos responsáveis políticos a temas como a violência. Durante o verão de 1981, jovens moradores da área residencial chamada Minguettes – com forte concentração de população imigrante – provocaram incidentes violentos, como incêndios de carros, lançamento de projéteis e de coquetéis Molotov contra a polícia (Champagne, 1991, p. 67). Na verdade, desde o final dos anos 1970, as preocupações sobre os subúrbios franceses já eram objeto de debate político. Os sociólogos Christian Bachmann e Nicole Leguennec constataram que os problemas de desemprego dos jovens, a insegurança e a presença de imigrantes das periferias eram identificados e debatidos na imprensa nesse período (Bachmann e Leguennec, 1996, p. 338). Entretanto, é a partir dos incidentes em 1981 que a atenção, tanto das autoridades públicas quanto a dos jornalistas, se focalizou sobre as famílias de imigrantes e os jovens que, frequentemente, estão desempregados ou em situação de dificuldade em relação aos estudos. É a partir desse incidente em Lyon que nasceu na França o “problema das periferias” (Champagne, 1991; Collovald, 2001; Bonnaïfous, 1991).

No governo de François Mitterrand (1981-1995), durante todo o período dos anos 1980, algumas medidas foram tomadas para resolver esse problema do “mal-estar” nos subúrbios, visando a jovens filhos de imigrantes que moram em periferias. O governo lançou dispositivos de inserção profissional de jovens; uma comissão pelo desenvolvimento social das periferias em 1981; a criação de um Conselho Nacional de prevenção da delinquência em 1982 e de uma Delegação Interministerial para a inserção profissional e social dos jovens em dificuldade (Lafarge, 2002, p. 6). Esses dispositivos desenvolvidos pelo governo logo após os incidentes em Lyon acabaram ajudando a definir, aos poucos, os contornos do problema ligado aos imigrantes: as chamadas “violências urbanas”. O governo realçou as condições de vida nessas áreas residenciais e a

1 « A partir de 1979, le regard du journaliste se détourne du logement, de la vie et du travail des « immigrés » ou des « violences » subies par eux pour se centrer sur de nouveaux objets: la « délinquance », « l’insécurité » et toutes les « réalités » qui ont trait à l’interaction « Français/immigrés ». D’où une approche de plus en plus locale et restreinte (une « cité », une « ville », une « banlieue »), même si au bout du compte c’est la question de l’assimilation qui est soulevée ».

presença de imigrantes nesses locais, uma vez que direcionou esses dispositivos aos jovens descendentes de imigrantes (De Souza Paes, 2016).

Do ponto de vista da lógica interna dos meios de comunicação, podemos entender a emergência dessas “novas” temáticas relacionadas à imigração como fruto de uma reorganização dos serviços nos principais jornais franceses. Muitas vezes esquecidos da análise de imprensa – como relata Yves La Haye (2005) – a divisão em editorias e o “modo de ataque” do jornal em relação às temáticas são, entretanto, reveladores do modo de produção da imprensa. Os jornais de orientação de esquerda (Eveno, 1996; Guisnel, 1999), *Le Monde* e *Libération*, por exemplo, passaram por transformações que se refletem na maneira pela qual o tema imigração passou a ser midiatisado. Ao longo dos anos 80, uma editoria e uma especialidade sobre a imigração foram se constituindo na imprensa no serviço chamado Sociedade (Société) na imprensa diária nacional. O surgimento da editoria imigração está relacionado com as profundas mudanças que afetam a organização dos serviços de jornais, como a evolução do serviço “economia” e o conteúdo da informação econômica. Durante o começo dos anos 1960, os jornalistas entendiam o jornalismo econômico como um serviço dentro da redação que deveria buscar respostas para questões sociais da época, tais como as desigualdades no local de trabalho e as condições de vida das classes trabalhadoras (Riutort, 2000).

Entretanto, esse jornalismo econômico e social evoluiu na década de 1980. O pesquisador Julien Duval (2000) discute a reorientação do jornalismo econômico que resultou essencialmente na produção de informações práticas para serem utilizadas por atores que trabalham na área econômica, como executivos. Esse processo pode ser observado especialmente nos jornais de “esquerda”, como *Le Monde* e *Libération*. A dinâmica se resume a setores como o imobiliário, agroalimentar, o da construção, de bancos e seguros, entre outros. Como reitera Duval (2000, p. 68): “Os problemas sociais como desemprego, os jovens ou moradia [são] raramente ou muito pouco discutidos na imprensa econômica” nessa época.

O jornal *Libération* lançou, por exemplo, em 1981 uma nova fórmula, *Libé2*, onde a publicidade e os anúncios pagos aparecem nas páginas do jornal e grupos industriais entram no capital da empresa. Após essa criação, um serviço econômico foi estabelecido diariamente. Este movimento estava em correlação com o aumento da difusão do jornal e a modificação de uma parte de seus leitores: a parte de “executivos” aumentou, entre 1984 e 1987, de 22% para 39% (Bourdieu, 1994, p. 39).

A mudança no tratamento da economia coincidiu com o peso das lógicas econômicas nos jornais que reorientaram o conteúdo das informações para a parte de seus leitores mais procurada pelos anunciantes. O aumento

da parte da publicidade nas receitas dos jornais pesou sobre o trabalho dos jornalistas, que eram obrigados a não descartar nenhuma categoria de seus leitores. Podemos afirmar, desse modo, que o peso da lógica econômica foi significativo na reformulação da informação econômica e social.

Em uma perspectiva mais ampla, o reposicionamento da imprensa na década de 80 se insere em mutações mais complexas que dizem respeito a todas as mídias. O trabalho coletivo dos cientistas políticos Ivan Chupin, Nicolas Hubé e Nicolas Kaciaf (2009) reflete os desafios econômicos enfrentados pelos meios de comunicação na França. A entrada de capital privado com a abertura do mercado audiovisual, em 1984, contribuiu para a formação de um mercado altamente competitivo, incentivando as redações a avaliar o desempenho comercial. As redações ficaram, assim, sujeitas a imperativos de urgência, à busca de audiências e ao ajustamento da produção de informação para o gosto do público. Em geral, o setor da informação se transformou pelas novas formas de financiamento e pelo aumento da concorrência com a diversificação das revistas, a criação de estações de rádio privadas, a privatização do *TF1* (canal de televisão), etc.

Além dessas mutações que afetaram o setor de mídia – e justamente por causa dessas mudanças –, os anos 80 foram marcados pelo surgimento de um “novo problema”, que destaca a figura do imigrante através do que se convencionou chamar de problemas das periferias, que se resumem a atos de violência cometidos nas chamadas zonas urbanas sensíveis.

Dessa forma, a “nova” perspectiva na produção de informações sobre a imigração na imprensa pode ser explicada por dois fatores: a chegada de novas restrições econômicas que afetam a produção de informações sobre a imigração, sugerindo adaptações nas práticas desses profissionais, e ainda, um fator mais importante, porém menos evidente: a implementação de políticas públicas, com a chegada da “esquerda” ao poder em 1981. A partir dos incidentes em Minguettes, os políticos passaram a associar diretamente o tema imigração com problemas de “violência urbana”. O posicionamento político em relação à política de imigração e a visibilidade dada a esse tema pelos responsáveis políticos contaram fortemente para o reposicionamento da imprensa. A análise do pesquisador Philippe Juhem sobre as evoluções nos campos político e jornalístico, a partir dos anos 1980, é esclarecedora a esse respeito. Seu estudo mostra que a eleição de um governo de “esquerda”, ou seja, a eleição de François Mitterrand (Partido Socialista), em 1981, redefiniu as redes de interdependência entre políticos, jornalistas e eleitores. A mudança política em 1981 afetou diretamente a chamada imprensa tradicional de oposição (*Le Monde*, *Libération*), que, com medo de passar por um jornal do governo, redefiniu suas práticas jornalísticas. Esta redefinição se refletiu

nas polêmicas, que passaram a ser diferentes daquelas que havia quando a “esquerda” estava na oposição.

Não é mais uma questão para a imprensa o grau da extensão da nacionalização, o papel do planejamento econômico ou a redução das desigualdades, uma vez que a oposição e a maioria debatem sobre as modalidades da modernização da França, sobre a competitividade das empresas ou sobre as questões da imigração e da insegurança² (Juhem, 2001, p. 205; tradução nossa).

A crescente visibilidade do tema imigração é inseparável de uma construção progressiva de uma rede de atores (Neveu, 1999), da qual fazem parte líderes políticos responsáveis pela imigração, associações, mas também “novos” profissionais da mídia que se especializam no tema imigração, reforçando a midiatização sobre o tema. Assim, novas relações, padrões profissionais e fronteiras se formam, o que abordamos em seguida.

Para compreender as características da especialização no tema, nós nos apoiamos no quadro de análise da produção de jornalistas especializados desenvolvido pelo professor Jean-Gustave Padioleau (1976) e nos trabalhos mais recentes sobre a especialização em jornalismo publicados na revista científica francesa *Réseaux* sobre o tema (*Réseaux*, n° 11, 2002), principalmente o trabalho do pesquisador Dominique Marchetti (2002). Trata-se de compreender o trabalho de um jornalista em contextos de interações (entre o jornalista, seus colegas de trabalho e seus interlocutores).

2 Delimitação de um grupo profissional: jornalistas como atores do debate público

É nesse contexto de mutações que a imigração se tornou uma “verdadeira” editoria nos jornais *Le Monde* e *Libération*, a partir principalmente dos anos 90. Como aponta o jornalista do *Le Monde* Philippe Bernard, que trabalhou com essa temática entre 1990 e 1999:

Na década de 90, [a imigração] estava se tornando um tema muito importante. Acho que o que me interessava era que era um assunto no cruzamento de muitos assuntos diferentes, isto é, ele tratava da sociedade, o que levou também a abordar questões de direito, e voltar-se para o internacional. A imigração envolve necessariamente as

relações entre os países, por isso estava no cruzamento de muitos temas muito diferentes [...] (Bernard Philippe, jornalista do jornal Le Monde, entrevista do dia 15 de fevereiro de 2012).

A declaração do jornalista indica a importância e o interesse que ele atribui à informação sobre a imigração: para ele, trata-se de uma questão transversal que diz respeito à sociedade e, portanto, é uma questão profissional importante. Sua entrevista indica uma maneira estruturada de representar a profissão, tanto quanto a sua suposta competência relacionada com a sua capacidade de lidar com uma questão transversal. Até hoje esse repórter é considerado o especialista sobre a questão da imigração no *Le Monde*.

Além de Philippe Bernard, uma outra jornalista, Laetitia Van Eeckhout, foi responsável pela imigração no *Le Monde* de 2005 a 2011. Em uma pesquisa anterior (De Souza Paes, 2009), observamos que ela cobria a imigração durante um período em que Nicolas Sarkozy foi chefe de Estado (2007-2012). Ao ler os artigos dessa jornalista, notamos os sinais de uma “especialidade” sobre o tema que resumem a seguir a política de imigração de Nicolas Sarkozy. Em seu livro lançado em 2007, ano de eleição de Nicolas Sarkozy para a presidência, ela destaca o papel pedagógico e de serviço público de sua profissão, argumentando que a imigração “[...] merece um verdadeiro debate porque um imaginário sobre a imigração é cada vez mais significativo e tudo indica que a pressão migratória vinda do Sul e do Leste será intensificada”.

Os jornalistas que entrevistamos, chamados de especialistas, consideram a imigração uma questão urgente que se impõe na atualidade francesa. Pode-se observar que, aos poucos, a temática se politiza. Por politização entendemos um processo pelo qual um tema se transforma em uma questão acima de tudo política (Lagroye, 2003, p. 367). A especialidade dos jornalistas também é reconhecida através da publicação de livros, o que contribui para reforçar a credibilidade profissional desses jornalistas. Philippe Bernard, por exemplo, publicou três livros sobre o assunto (1998; 2002; 2004). Além disso, a competência desses jornalistas enquanto especialistas passa também pelo reconhecimento de outros profissionais. Esse foi o caso da jornalista Van Eeckhout, que, entre outros exemplos, foi convidada para participar de um programa no *France Culture* com Michèle Tribalat, diretor de pesquisa do INED (Instituto Nacional de Estudos Demográficos), para discutir sobre a imigração.

Em relação ao jornal *Libération*, podemos citar o exemplo de Catherine Coroller, que é considerada a especialista sobre o tema imigração. Ela foi designada para o serviço em 2007 – o mesmo período de atuação da jornalista especializada do *Le Monde* citada acima. Logo após sua nomeação, ela lançou o blog *Hexagone*, localizado na

2 « Il ne peut plus être question dans la presse du degré d’extension des nationalisations, du rôle de la planification économique ou de la « réduction des inégalités » lorsque l’opposition et la majorité s’affrontent sur les modalités de la « modernisation de la France », sur la « compétitivité des entreprises » ou sur les questions de « l’immigration » et de « l’insécurité » ».

plataforma do jornal, em que fica evidente esse processo de politização. Ela propõe em seu blog abrir um debate e dar visibilidade aos leitores. Além disso, reforça a importância que a temática teria para a sociedade francesa: ela reivindica sua especialização nesse tema atribuindo-se uma competência e uma “função” pedagógica ou de mediadora entre o Estado e a sociedade. É o que diz a jornalista em um post em seu blog. Alegando ser uma jornalista especializada, ela aponta a sua intenção de

[...] analisar a política de imigração do governo – e a política defendida pela oposição – o que é o trabalho básico de um jornalista, mas também abrir um debate sobre o assunto. A questão da imigração está diante de nós e não se trata apenas de impedir os estrangeiros de entrar na França ou de enviá-los para casa (Coroller, « Peut-on avoir un vrai débat sur l’immigration ? », Libération.fr., Blog Hexagone, 11 de novembro de 2008).

Essa dinâmica do processo de politização indica também que, como afirma Jacques Lagroye (2003), a politização se traduz por práticas e crenças dos atores que querem contribuir para a produção da política. Através do blog, podemos perceber também que essa politização vem acompanhada pela visibilidade de atores que se tornam cada vez mais interlocutores habituais dos jornalistas: as associações que lutam pelos direitos dos imigrantes e intelectuais (pesquisadores, sociólogos, antropólogos) (De Souza Paes, 2014). As intervenções desses atores na imprensa contribuíram para a aparição de questões “originais” ou menos visíveis sobre a questão da imigração – tais como o funcionamento dos centros de detenção, onde ficam os estrangeiros em situação irregular – ou a realização de pesquisas científicas na França sobre a diversidade. No blog *Hexagone*, podemos observar o papel desses atores na produção de informação sobre a imigração: dos 208 posts publicados de 2008 a 2011, 66 abordavam as associações (grupos diversos como Anistia Internacional e ADDE – *Association pour les droits des étrangers* – Associação pelos direitos dos estrangeiros) e 27 os intelectuais (pesquisadores de diversas áreas, professores, cientistas políticos). As associações, por exemplo, fazem um trabalho de informação considerável. Elas produzem análises, livros e dossiês sobre as políticas de imigração, que são utilizados pela jornalista Catherine Coroller na elaboração de artigos.

Pesquisas recentes sobre a relação entre as associações e a mídia reforçam a constatação da importância das associações na midiática da imigração. O cientista político Guillaume Garcia (2005) desenvolveu a hipótese em sua tese de que uma “nova” configuração emerge na construção de causas dos “sans” (os indivíduos sem visto, sem moradia e sem emprego) a partir dos anos 1990. Essa

configuração diz respeito ao acirramento das relações de interdependência entre jornalistas da televisão e atores associativos. De um lado, os grupos associativos desenvolvem atividades (materiais e simbólicas) buscando impor uma definição específica de problemas sociais. Do outro lado, os outros jornalistas favorecem as mobilizações organizadas por grupos associativos. Podemos também citar o estudo realizado por Philippe Juhem (1999) sobre o “entusiasmo” da imprensa nacional de esquerda em relação às ações da associação SOS Racismo durante a metade dos anos 1980 e começo dos anos 1990. O pesquisador caracteriza a maneira pela qual os jornalistas selecionam os eventos realizados pela associação, contribuindo para a emergência de um movimento antirracista. Outro estudo pertinente é o da pesquisadora Sylvie Thieblemont-Dollet (2003), que discute a importância das interdependências que se estabelecem entre as associações e a mídia (principalmente do jornal *Le Monde*) em relação ao lugar de fala das mulheres imigrantes no começo dos anos 2000. Os jornalistas do *Le Monde* fazem eco das suas reivindicações sobre as condições de vida nas periferias francesas.

Em relação à presença dos intelectuais no blog, podemos observar que ele é um espaço onde alguns pesquisadores vêm esclarecer a sua posição científica em relação a estudos sobre o tema imigração e questionar decisões tomadas pelas autoridades públicas, como, por exemplo, quando o presidente Nicolas Sarkozy anunciou em 2008 a criação de uma comissão científica sobre estatísticas étnicas para medir e avaliar a discriminação e a diversidade da sociedade francesa. Vários pesquisadores se manifestaram nos jornais contra a implementação dessa comissão (*Libération*, abril 2009). Os jornalistas franceses recorrem regularmente a pesquisadores de ciências humanas e sociais para comentar, explicar ou aprofundar uma notícia (Tavernier, 2009).

Relações de interdependência entre jornalistas especializados sobre o tema imigração, associações de luta pelos direitos dos estrangeiros e pesquisadores favorecem o desenvolvimento de um processo de politização da imigração e reforçam a midiática do tema. Esses atores tornam visíveis suas habilidades em termos de produção de informação para criticar a ação do Estado e competir com as autoridades públicas em relação às decisões sobre as políticas de imigração. A profissionalização dos militantes associativos se evidencia pela produção de análises, relatórios e estatísticas que refletem a sua experiência profissional evidenciada pelo contato com os estrangeiros. As relações de proximidade com membros associativos e pesquisadores ficam evidentes na publicação de trocas de e-mails desses atores com a jornalista Coroller no seu blog. Assim, podemos concluir que a mídia não é um suporte: ela se envolve e se engaja na visibilização de determinados temas.

Conclusão

O artigo buscou demonstrar que a midiatização da imigração acompanha a evolução dos serviços nos principais jornais franceses. Progressivamente, a imigração se torna uma editoria e os jornalistas delimitam um espaço profissional dedicado a essa temática.

Definir uma especialidade jornalística envolve também a elaboração de uma nova categoria de intervenção. A informação sobre a imigração é definida como uma área de informação que merece investimento profissional, mas também como um tema que descreve a “realidade” da sociedade francesa. Dar forma a esta realidade significa para esses jornalistas levar em conta a imigração e a integração dos estrangeiros. Assim, o tema imigração reflete, de acordo com os jornalistas, as principais questões que preocupam os indivíduos.

Os jornalistas encarregados da imigração têm fortes aspirações que refletem na sua concepção do jornalismo: como o direito à informação e o dever social. Eles reafirmam, portanto, sua vocação crítica na defesa do imigrante e dos seus direitos (entrada e permanência dos estrangeiros, obtenção de benefícios sociais, acesso à educação, oportunidades de emprego...). É uma maneira de relativizar a dependência em relação ao poder político, garantindo seu lugar na esfera pública. O tema imigração é considerado um “terreno” legítimo pelos jornalistas porque é uma questão controversa: ele é objeto de uma oposição entre os principais partidos políticos franceses.

O imigrante é, portanto, um objeto de reflexão jornalística, e a informação sobre a imigração revela a identidade coletiva deste grupo profissional. A definição da informação sobre a imigração pelos jornalistas abrange, portanto, uma lógica de explicação e justificação do seu profissionalismo que faz sentido em um discurso que tem por objetivo exibir os valores morais da profissão para torná-los dignos de confiança, autorizando-os a ter o direito de fala sobre temas controversos.

Nas redações da imprensa nacional (*Le Monde* e *Libération*), esse tema é objeto de uma editoria no serviço “Société”. Os profissionais envolvidos no tratamento do tema imigração e na definição dos contornos das informações sobre esse assunto afirmam a importância que esse tema tem para a sociedade francesa. Entretanto, a constituição de uma editoria “imigração” está relacionada também com a importância dada a esse tema tratado (e a sua localização) no campo político. Nossa análise demonstra que as práticas dos jornalistas não são tão independentes quanto eles afirmam ser. O processo de midiatização dessa temática se dá, portanto, nas relações de interdependência que se estabelecem entre diferentes atores além das autoridades públicas, como as associações de defesa dos direitos dos imigrantes, pesquisadores e intelectuais.

Referências

- BACHMANN, C.; LEGUENNEC, N. 1996. *Violences urbaines: Ascension et chute des classes moyennes à travers cinquante ans de politiques de la ville*. Paris, Editions Albin Michel, 557 p.
- BATTEGAY, A.; BOUBEKER, A. 1993. *Les images publiques de l'immigration*. Paris, L'Harmattan, 192 p.
- BERNARD, P. 1998. *L'immigration et les enjeux de l'intégration*. Paris, Editions Marabout.
- BERNARD, P. 2002. *L'immigration: un défi mondial*. Paris, Editions Gallimard.
- BERNARD, P. 2004. *La crème des beurs: De l'immigration à l'intégration*. Paris, Editions du Seuil, 336 p.
- BONNAFOUS, S. 1999. Médiatisation de la question immigrée: état des recherches. *Etudes de communication*, (22):59-72.
- BONNAFOUS, Simone. *L'immigration prise aux mots*. Paris, Editions Kimé, 1991.
- BOURDIEU, P. 1994. « Libé, 20 ans après ». *Actes de la recherche en sciences sociales*, (101-102):39.
- BOUVIER, G. 2012. Les descendants d'immigrés plus nombreux que les immigrés: une position française originale en Europe. Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/1374014?soommaire=1374025>. Acesso em: 20/07/2018.
- CHAMPAGNE, P. 1991. La construction médiatique des « malaises sociaux ». *Actes de la recherche en sciences sociales*, (90):64-76.
- CHUPIN, I.; HUBE, N.; KACIAF, N. 2009. *Histoire politique et économique des médias en France*. Paris, La Découverte, 126 p.
- COLLOVALD, Annie. 2001. Des désordres sociaux à la violence urbaine. *Actes de la recherche en sciences sociales*, (136-137):104-113.
- COROLLER, C. 2009. Statistiques ethniques: les opposants répliquent. *Libération*, 10 abr. Disponível em: http://www.libération.fr/societe/2009/04/10/statistiques-ethniques-les-opposants-repliquent_551923. Acesso em: 25/01/2017.
- DELFORCE, B.; NOYER J. 1999. Pour une approche interdisciplinaire des phénomènes de médiatisation: constructivisme et discursivité sociale. *Etudes de communication*, (22):13-40.
- DE SOUZA PAES, P. 2009. *L'immigration dans la presse nationale et régionale: Les enjeux communicationnels des pouvoirs publics et des associations*, Mémoire de Master 2, sous la direction d'Isabelle Pailliant, Grenoble, Université Stendhal-Grenoble 3.
- DE SOUZA PAES, P. 2014. *La communication publique et les pratiques journalistiques au prisme des mutations sociales: la question de l'immigration en France (1980-2010)*. Grenoble. Tese de Doutorado em Ciências da Informação e da Comunicação, Universidade Grenoble 3-Stendhal. 486 p.
- DUVAL, J. 2000. Concessions et conversions à l'économie. *Actes de la recherche en sciences sociales*, (131-132):56-75.
- EVENO, P. 1996. *Le Monde, histoire d'une entreprise de presse-1944-1995*. Paris, Le Monde-Editions, 540 p.
- GARCIA, G. 2005. *Les causes des « sans » à l'épreuve de la médiatisation – La construction médiatique des mobilisations sociales émergentes: enjeux et perspectives*. Paris. Tese de Doutorado. Université Paris IX, Dauphiné, 735 p.
- GUISNEL, J. 1999. *Libération, la biographie*. Paris, Editions La Découverte, 347 p.
- JUHEM, P. 2001. Alternances politiques et transformations du champ de l'information en France après 1981. *Politix*, (56):185-208.

- JUHEM P. 1999. La participation des journalistes à l'émergence des mouvements sociaux. *Réseaux*, (98):119-152.
- LAFARGE, G. 2002. La double construction de la sociologie de l'exclusion. *Regards Sociologiques*, (23):59-74.
- LAGROYE, J. 2003. Les processus de politisation. In: Jacques LAGROYE, *La politisation*. Paris, Belin, p. 359-372.
- LA HAYE, Y. 2005. *Journalisme, mode d'emploi: Des manières d'écrire l'actualité*. Grenoble, ELLUG, 234 p.
- LE DISCOURS de Grenoble de Nicolas Sarkozy. *Le Figaro*, 30 de julho de 2010.
- MARCHETTI, D. 2002. Les sous-champ spécialisés du journalisme. *Réseaux*, (111) p. 22-55.
- MIÈGE, B. 2005. *La pensée communicationnelle*. Grenoble, PUG, 126 p.
- MIÈGE, B. 2007. *La société conquise par la communication, les Tic entre innovation technique et ancrage social*. t. III. Grenoble, PUG, 230 p.
- NEVEU, E. 1999. L'approche constructiviste des « problèmes publics », un aperçu des travaux anglo-saxons. *Questions de communication*, (22):41-57.
- PAES, P. 2016. Estratégias políticas e comunicação pública sobre a questão da imigração na França. In: COMPÓS, XXV, Goiânia, 2016. *Anais...*, p. 1-20. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/artigocompostemplateautoria_3322.pdf. Acesso em: 16/01/2017.
- PADIOLEAU J.G. 1976. Systèmes d'interaction et rhétoriques journalistiques. *Sociologie du travail*, (3):256-282.
- PAES P. de S. 2016. Jornalistas franceses diante de um problema de violência urbana: competências e técnicas interiorizadas. *Rev. Comun. Midiática (online)*, Bauru/Sp, 11(3):53-68.
- RÉSEAUX. 2002, (111). Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-reseaux1-2002-1.htm>. Acesso em: 20/07/2018.
- RIUTORT, P. 2000. Le journalisme au service de l'économie. *Actes de la recherche en sciences sociales*, (131-132):41-55.
- SCHLENSINGER, P. 1992. Repenser la sociologie du journalisme: Les stratégies de la source d'information et les limites du médiamécentrisme. *Réseaux*, (51):75-98.
- TAVERNIER, A. 2009. Rhétoriques journalistiques de médiatisation: La co-construction de l'expertise. *Questions de communication*, (16):71-96.
- THIEBLEMONT-DOLLET, S. 2003. Témoignages de femmes immigrantes et construction d'un problème public. *Questions de communication*, (4):107-126.
- VAN EECKHOUT, L. 2007. *L'immigration*. Paris, Odile Jacob, La documentation française, 181 p.

Artigo submetido em 25-07-2017
Aceito em 15-05-2018